

PARTES DA MINHA TERRA: ROMANCES EM ECO NO AVESSE DAS VIAGENS PORTUGUESAS

*Teresa Cristina Cerdeira da Silva*¹

Bricoleur, l'auteur fait avec ce qu'il trouve, il monte en épingle, il ajuste; c'est une petite main. Il entreprend, tel Robinson échoué sur son île, d'en prendre possession en construisant sur les débris d'un naufrage ou d'une culture.

Antoine Compagnon.

La seconde main ou le travail de la citation.

Neste despropositado e inclassificável livro das minhas Viagens, não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações por tal modo que, bem o vejo e o sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir em tão embaraçada meada.

Almeida Garrett.

Viagens na Minha Terra.

A navegação ao avesso das viagens portuguesas será aqui, antes de tudo, uma navegação textual que nos conduz sagazmente de *Partes de África* às *Viagens na Minha Terra*, de Helder Macedo a Almeida Garrett, de um discurso pós-moderno a um texto romântico que, entretanto, fez explodir, como alguns outros de mesma linhagem, de Sterne a Diderot, a Stendhal ou a Machado de Assis, as fronteiras do próprio código oficial

(1) Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

das literaturas de sua época. O pacto está lançado desde o título desse artigo: *partes da minha terra* enunciam um propósito de ler em diálogo dois romances que se querem *despropositados*, dois momentos da literatura, com a certeza de que mais do que investir no novo, no original, no único, a literatura contemporânea, no filão da Pós-Modernidade, se tece desses ecos, desses empréstimos, desse olhar nunca inocente sobre o passado, ao elaborar um tecido formado de muitos fios que se enredam ou se embaraçam, para não nos afastarmos da proposta que o próprio Garrett veiculou, de uma escritura metaforizada na já mais-que-celebrada *embaraçada meada*.

Mas é claro que o compromisso de construir *sobre os restos de um naufrágio, de uma cultura*, não pode ter sentido numa leitura de mero gozo de trabalho com reminiscências textuais *to the happy few*. Dialogar com Garrett, para esse romancista e crítico apaixonado pelas *Viagens* e sua *menina dos rouxinóis*, tem o propósito mais nobre e mais ousado de caminhar, como o outro, à contra-corrente da tradição, relendo, a partir de um investimento na sua própria história, um tempo português cujas contradições, mais que verdades, pretende assinalar. Essa história, entretanto, transformada em discurso que a memória reconstrói, se tecerá em termos de ficção, de tal modo que o autor de um suposto discurso autobiográfico possa caminhar de um eu narrativo que se inventa ou que ousa *dissocial[r]-se de si próprio* até um revisitar da memória coletiva nacional dos últimos 50 anos, também ela reconstruída voluntariamente na ótica de um sujeito em construção. Estamos longe, pois, das certezas pessoais ou nacionais e embarcamos num discurso labiríntico que já não tem sequer o projeto seguro de um centro onde reina um Minotauro. Mais que o medo desse encontro, resta-nos hoje, em narrativas como as de *Partes de África*, a salutar sensação de caminhar sem a segurança das certezas, sem o respaldo do absoluto, se o consolo do discursos omni-compreensivos. Enveredamos por uma biografia em que, repetimos, *o autor dissocia-se de si próprio e desdiz o propósito do seu livro*. Biografia de um sujeito não centrado, narrativa história *despropositada* porque nascida desse esfacelamento primordial de um autor que se inventa ao se contar, já que do seu passado — e paralelamente, do passado da pátria — restaram tão somente *sombras*. A ele cabe, então, revisitar essas *galerias* com a ajuda da memória que, já agora, *imagina* mais do que recompõe: sujeito em construção, história em construção, narrativa em construção, feitos todos de partes de um mosaico também em construção.

Garrett é, portanto, o grande convidado para esse jogo de ecos literários e culturais. *Ecos pertinentes* (PA., p. 10), assegurará o narrador de *Partes de África*, propondo-nos uma leitura intertextual com o grande romântico português, fundada num encontro de projetos, numa herança da construção em labirinto, da pluralidade de leituras, das fronteiras ausentes dos gêneros literários, do *despropósito*, enfim, de uma *grave*

viagem (PA, p.10) pelos meandros do eu, da história e da narrativa. Garrett é convidado, com as suas *Viagens*, a essa aventura de Helder Macedo no acordar das *Partes de África*. Configuremos os ecos desses discursos para além da segunda epígrafe que inaugura essas reflexões:

Já agora rasgo o véu, e declaro abertamente ao benévolo leitor a profunda idéia que está oculta debaixo desta ligeira aparência de uma viagenszita que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada [...] (VMT, p. 49).

Começa o primeiro episódio desta odisséia (VMR, p. 87)

É o primeiro episódio da minha odisséia (VMT, p.89)

Poeta em anos de prosa! [...] Há livros, e conheço muitos, que não deviam ter título, nem o título é nada neles. [...] E há títulos também que não deviam ter livro, porque nenhum livro é possível escrever que os desempenhe como eles merecem. (VMT, p. 82)

Como hei de eu então, eu que nesta grave odisséia das minhas viagens tenho de inserir o mais interessante e misterioso episódio de amor que ainda foi contado ou cantado, como hei de eu fazê-lo [...] (VMT, p. 92-3)

E agora, tendo definido as fronteiras ausentes desta minha grave viagem e, de novo poeta em anos de prosa, tendo renunciado com os ecos literários pertinentes o verdadeiro não-propósito dos meus plurais romances, poderei começar, como cumpre, depois do princípio. (PA, p. 10)

E foi em Joanesburgo que conheci a S. Mas como hei-de eu agora, nesta grave odisséia das minhas viagens, como hei-de eu inserir o mais interessante e misterioso episódio de amor que foi contado ou cantado (PA, p.84)

Há mais, há certamente muitos outros encontros como estes que fazem os *ecos pertinentes* de Garrett em *Partes de África*. Pertinentes quando se fala em viagens, e *graves viagens*. quando se evoca *de novo* o título transformado em epíteto — *poeta em anos de prosa*; ou o *não-propósito* de um romance que retoma em moldes próprios aquele *despropositado e inclassificável livro* da referência garrettiana; ou ainda quando, na charneira mágica que é a da inserção de uma história de amor no corpo do romance, retoma-se o mesmo discurso, ressurgem os mesmos adjetivos, a mesma fórmula de perplexidade, os mesmos jogos de palavras que aproximam definitivamente a S. do presente e a Joanhinha do passado. Há realmente muito mais: há, por exemplo, um episódio de verdadeira briga de gangues em tempos coloniais que, na reflexão do

experto narrador, ultrapassa os limites individuais para se converter em metáfora da intolerância da metrópole e, por isso mesmo, num *símbolo* à maneira de Garrett, tal como sucedeu ao conto da *menina dos rouxinóis*. Aliás, a rixa entre os *rufiões da Corredoura* e os habitantes da vila é, por isso mesmo, lida como um debate histórico de *miguelistas* e *liberais*. E o narrador de *PA* assume o discurso crítico ao declarar que, se no passado assumira o lado dos *partidários do Senhor Dom Pedro por mera camaradagem futebolística*, o tempo viria a mostrar a leitura metonímica ou metafórica que o fato deveria ter:

comecei retrospectivamente a suspeitar da relevância contemporânea do garrettiano drama histórico em que tinha participado. (PA, p.45)

Claro está que, para além da referência ao romance de Garrett, existe a outra, implícita, da própria leitura que o já agora crítico Helder Macedo teria escrito, há tempos, para as páginas da *Colóquio/Letras* sob o título: *As viagens na Minha Terra* e a *menina dos rouxinóis*, onde coloca em evidência os laços fundamentalmente metonímicos e metafóricos entre o conto e a estrutura maior das *Viagens na Minha Terra*. E não param aí os diálogos que se estabelecem com o texto garrettiano. As *metáforas e metonímias*, os *liberais e miguelistas*, se completam com a aventura amorosa do irmão do narrador, aparentemente sem outro sentido que o de assinalar na história do narrador-menino os encontros do amor, mas que, aqui inserida, ganha a fortuna de retomar, de forma paródica, a crise existencial do Carlos da *Viagens*.

O meu irmão tinha então duas namoradas e eu achava que era necessário escolher, não entendendo que lhe podia apetecer mesmo as duas. [...] Eram duas irmãs, uma loura de olhos castanhos e outra morena de olhos verdes. [...] O meu irmão não casou com a namorada de olhos verdes, que veio a casar com um primo aviador.(PA p.46-7)

Seria quase inútil apontar a paródia que, em seu sentido etimológico — *para* (ao lado de) e *ode* (canto) —, retoma e inverte o texto primeiro. Se as duas namoradas evocam Georgina e Joaninha, tão bem identificada, esta, na *morena de olhos verdes*, há ainda a referência às irmãs — duas, agora, e já não três inglesas, como no romance de Garrett —, além do desenlace inesperado do casamento com o primo aviador, quando o modelo apresentara outro fim para o amor de Joaninha com o primo revolucionário. Artimanhas de uma escritura consciente de seu tecido que, nesse mesmo capítulo, discute nos termos irônicos da falsa oposição entre Quixotes e Sanchos a questão do poder em Moçambique, a partir do episódio pós-revolucionário do jornalista — *tão branco quanto um português pode ser* — que *achava que era necessário saber quem é branco e quem*

é preto e quem manda em quem, só que desta vez ao contrário. (PA, p.46). A consciência algo desalentada de que o poder fundamentalmente não mudara com a independência pode ser aqui relida através daquele caminhar sem progresso concreto de quixotes e sanchos em "*Viagens na Minha Terra*": *estes dois princípios tão avessos, tão desencontrados, andam contudo juntos sempre; ora um mais atrás, ora outro mais adiante, empecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas progredindo sempre* (VMT, p. 50).

Como advertira no primeiro capítulo, o narrador de *Partes de África* propõe um texto de *fronteiras ausentes*: ausentes porque admitem em seu corpo textual o diálogo fecundo com a tradição literária: de Garrett falávamos, mas não só, por que lá convivem sem constrangimento as marcas de Camões e os versos de Cesário; ausentes quando se deixam invadir por outros gêneros que com a ficção colaboram — um relatório administrativo ou uma comunicação para um congresso de literatura; ou mais, quando no espaço mesmo da ficção convivem o romance, um *drama jocoso* e um poema lírico, sem que por isso o narrador deixe de ser *poeta em anos de prosa*. *Fronteiras ausentes* quando as *partes de África* não tratam apenas de África, mas assinalam tão somente a perspectiva de um olhar sobre a pátria lançado no avesso das viagens portuguesas. Garrett navegara à contra-corrente da tradição das grandes viagens portuguesas ao rumar à contra-corrente do rio *Tejo-arriba*; Helder Macedo refaz o processo ao buscar o avesso de um olhar lançado, agora, de África para Portugal, na perspectiva do discurso do narrador. Porque já não se trata, como dantes, de desconhecer nas Áfricas uma identidade que o colonizador negou ao lhes impingir uma imagem onde o desconhecido se limitava a ser reconhecido, nos moldes que a cultura dominadora fornecia, como amparo antropológico, para a descodificação da difícil relação com os dominados. E não se trata sequer de reverter o quadro opressivo instaurando o reverso da opressão, porque, uma outra ousada aposta deste texto seja a de multiplicar os olhares e as vias de leitura, para não cair na violência cultural daquele jornalista, a querer fazer-se de pró-revolucionário em Moçambique, ao apresentara imagem de um Portugal falido através da *fotografia dum camponês apatetado* sob o título: *Foram estes os nossos colonizadores* (PA, p.46). Quando, ao contrário, o narrador reconhece nessa mesma imagem o *pastor da serra do Reboredo*, é de um outro olhar que se trata, e de uma outra perspectiva, que pretende assinalar uma possível forma de reconhecer ou de descobrir Portugal.

Com a releitura do *mosaico de sombras* de suas *partes de Africa*, o narrador está a compor um texto de ficção e é com essa escritura em liberdade — que aprendeu a dialogar com o outro — que ele revisita a sua própria biografia e a história de um país. Sem autoridade prévia, sem dogmatismo, sem centro, sem verdades apriorísticas, para poder democraticamente assinalar, também na escrita, que *já chegou o tempo do*

fim dos impérios e que esse pós-imperialismo, à maneira daquele erramos ambos dos ecos garrettianos, se pode tornar na consequência positiva de ter havido impérios (PA, p.167). Se não há esquecimento possível para a opressão e as perdas, se não há esquecimento possível para os esquecimentos e os silêncios impostos, há que se assinalar que, hoje, como nos diz o narrador dessas Partes de África, um poeta grande de Moçambique guarda, com toda propriedade, em seu passado, a marca indelével do outro grande que na mesma língua construiu os seus Lusíadas, transformado em objeto de fascínio onde as fronteiras políticas importam indiscutivelmente menos que a força das não-fronteiras ou as fronteiras ausentes que a cultura sabe inventar. É essa a possibilidade de ler também, no passado, a construção "dos novos países a haver". Erramos ambos / acertamos ambos seria, quem sabe, uma outra forma — certamente mais generosa — de dialogar com os mestres, com o pai, com a pátria.